

PENSANDO SOBRE AS FAMÍLIAS E SUAS HISTÓRIAS

Juares Soares Costa¹

I - O que é (são) família(s)?

Quando pensamos na resposta a esta questão, é muito frequente procurarmos um tipo de família que possa servir de referência, de modelo de normalidade. E acabamos usando como referencial a organização que nos é mais “familiar”, com a qual estamos mais acostumados. Na maioria das vezes, escolhemos a chamada família nuclear, ou seja, um pequeno grupo, em geral composto por pai, mãe, filhos, e eventualmente um outro parente, avô, avó, tio..., vivendo na mesma casa. E esquecemos que este modelo tem uma existência histórica relativamente recente, tendo surgido por volta da metade do século XIX.

Cabe então uma reflexão sobre as famílias ao longo da história. Como eram? Como se organizavam? Sempre existiram famílias?

A espécie a que pertencemos, o homo sapiens, tem uma existência de aproximadamente 50.000 anos, tendo a linhagem de que descendemos, se diferenciado de outras linhagens de homídeos há 5-6 milhões de anos atrás. E quais são estas diferenças? Biologicamente falando, não são muito grandes, cerca de 1% do código genético, mas que foram suficientes para ajudar a criar um modo especial de estar no mundo, caracterizado pela vida em grupo, em busca de ajuda e proteção mútuas, o cuidado compartilhado das crianças, o prazer sexual separado da procriação, e principalmente a linguagem.

E aqui é importante diferenciarmos linguagem de comunicação. A comunicação não é exclusividade dos humanos, é encontrada em inúmeras espécies. Trata-se de uma coordenação de comportamentos, onde existe um consenso a respeito do significado. Por exemplo, um animal se comunica com o outro, através de sons, movimentos. Mesmo entre espécies diferentes pode haver comunicação. Quem tem em casa um cão, sabe que o barulho do garfo batendo no prato pode significar para o animal que a comida está disponível. E ele vem correndo busca do alimento.

Falamos de linguagem quando um modo mais complexo se instala, quando é possível fazer uma comunicação à partir de uma comunicação anterior, um comentário, uma metacomunicação.

Quando Ug, um dos homens das cavernas, passava em frente à caverna de Bru, e fazia alguns gestos, Ug compreendia que deveriam sair para caçar juntos. Isto era comunicação. No dia em que Ug não veio, e Bru pensou: “O que terá acontecido com Ug?”, começava a surgir a linguagem. E como Ug nunca mais apareceu, Bru fez alguns desenhos na parede da caverna, lembrando momentos em que caçaram juntos. E isto era linguagem.

Questiona-se hoje se alguns outros animais são capazes de criar linguagem neste sentido. Certos animais parecem ser capazes de fazer algumas operações lingüísticas, mas o que sabemos é que apenas os humanos se caracterizam por um modo de viver organizado dentro da linguagem. Linguagem que pode ser transmitida de geração para geração, através de outras formas, além da reprodução do comportamento: formas mais abstratas, como por exemplo, a linguagem escrita. E a linguagem tem um papel central na preservação e transmissão deste modo de viver:

“No âmbito biológico, uma espécie é uma linhagem, ou sistema de linhagens, constituída como tal ao conservar-se de maneira transgeracional na história reprodutiva de uma série de organismos, um modo particular de viver....A tal modo de viver, ou configuração dinâmica de relações ontogênicas entre o ser vivo e o meio, ...denominamos fenótipo ontogênico.”...

“O modo de viver propriamente humano, no entanto, se constitui, como já disse, quando se acrescenta o conversar ao modo de viver dos homídeos e começa a conservar-se o entrecruzamento do linguajar com o emocionar como parte do fenótipo ontogênico que nos define. Ao surgir o modo de vida propriamente humano, o conversar como ação pertence ao âmbito emocional no qual surge a linguagem, como modo de estar nas coordenações de ações na intimidade da convivência sensual e sexual.”(Maturana,H. Artes Médicas, 1998)

As organizações sociais derivadas deste modo de viver assumiram as mais variadas configurações ao longo da história, sem que nada nos autorize a dizer que uma forma é melhor, mais funcional, mais normal que outras.

Como foi, então, que a família nuclear urbana passou a ter, para muitos, um status diferenciado em relação a outras formas de organização?

À partir de uma visão euro-centrista, e influenciados pela teoria da evolução de Darwin, os antropólogos da segunda metade do século XIX consideraram a sociedade europeia e suas instituições, inclusive a família, como sendo o ápice do desenvolvimento atingido pelo ser humano, em sua longa jornada através dos tempos, desde uma horda primitiva indiferenciada, até o estágio maior da evolução:

“a família baseada no casamento monogâmico era considerada a instituição mais digna de louvor e atenção. Inferiu-se que as sociedades selvagens-equiparadas, para os fins em vista, às existentes no início da humanidade- somente poderiam possuir algo diferente.” (Claude Levi-Strauss)

“...Para os pioneiros vitorianos, McLennan, Morgan, Robertson Smith, a história da família era uma parte da grande marcha da civilização que levantara o homem do nível dos animais, dando-lhe um conjunto de normas para ordenar sua vida. (Casey, James, 1989)”

Ao estudar os chamados “povos primitivos” nas colônias na América, África e Ásia, a expectativa era de se encontrar organizações sociais que corresponderiam àquelas do começo da história da humanidade. Os estudos de campo realizados por muitos antropólogos, entre eles o próprio Levi-Strauss, mostram que esta visão estava equivocada.

“O tipo de família caracterizado na civilização moderna, pelo casamento monogâmico, pelo estabelecimento independente do casal jovem, pelas relações intensas entre pais e a prole, etc., embora nem sempre seja facilmente reconhecível por trás da complicada rede de estranhos costumes e instituições dos povos selvagens, é encontrada pelo menos entre aqueles que parecem ter permanecido no nível cultural mais simples ou a ele tenham retornado....Devemos buscar casos extremos...se desejarmos encontrar sociedades onde não exista uma união de fato, pelo menos temporária, entre marido,a esposa e os filhos.... Entretanto, devemos ter o cuidado de observar que, embora tal grupo entre nós constitua a família e seja legalmente reconhecido, este não é absolutamente o caso de um grande número de sociedades humanas.” (Lévi-Strauss, Claude,1982)

II - Uma breve viagem no tempo

Para os Romanos, e para os Gregos da Antiguidade, a noção de família era muito mais abrangente do que qualquer dos modelos contemporâneos.

O chefe de família, *o déspota*, acumulava as funções de chefe de estado, de sacerdote, e muitas vezes de chefe militar. Família incluía todos os antepassados, os parentes do pai e da mãe, a descendência legítima e ilegítima, as concubinas, os escravos, as propriedades, as terras e os animais.

Com o passar do tempo foi havendo a separação entre as figuras do chefe de estado, do chefe religioso e do militar, limitando a abrangência da família.

Carlos Sluzki nos conta que:

“A palavra “família”, de raiz *osca*, foi utilizada em sua origem para denotar exclusivamente os serviçais. Por volta do século XV, seu significado se ampliou, abarcando todos os membros da casa, tanto servos como mulheres cativas e a descendência engendrada pelo chefe de família.

O vínculo mais importante desta família medieval era um acordo tácito de proteção e lealdade mútuas...Esse acordo recíproco se tornou mais estável à medida que o tempo foi transcorrendo, e o uso do termo evoluiu progressivamente até os contratos familiares que hoje conhecemos.”. (C Sluzki, 1997)

Alguns conceitos que tendemos a naturalizar, como infância e início da vida adulta, eram muito diferentes de nossas concepções atuais, ou até não existiam, como é o caso do conceito de adolescência. Na idade Média e em boa parte da Idade Moderna (que começa por volta de 1500 e vai até o final da 2ª Guerra Mundial), a infância era mais curta. Na idade em que hoje as crianças entram no ensino fundamental, as crianças estavam entrando no mundo dos adultos, pela via do aprendizado de uma profissão. Era muito comum a circulação das crianças, que passavam a viver com outras famílias, também aprendendo e exercendo um ofício. A circulação das crianças é um costume que ainda encontramos com muita freqüência no Brasil de hoje.

A adolescência, representando um período intermediário entre a infância e a vida adulta, *“surge graças ao sucesso das instituições escolares e às práticas de educação que orientaram e disciplinaram. A infância foi prolongada .quando uma etapa intermediária, antes rara e daí em diante cada vez mais freqüente, foi introduzida..: a etapa da escola, do colégio.* (Áries, pg187, 1975)

Com o advento da Modernidade, com as grandes descobertas científicas, e suas conseqüências, principalmente o surgimento das máquinas e das indústrias, com a migração do campo para a cidade, as famílias continuam a mudar.

“A família moderna nasce da Revolução Industrial, com seus padrões de excelência que vigoraram da segunda metade do sec. XIX até o século XX. Aquela família nuclear, de pais, mães e filhos convivendo na mesma casa, correspondia aos patamares da sociedade que se industrializava e se especializava...É bom lembrar que, no passado, (e no presente) existiram outros conceitos de família, outras organizações, outros ideais funcionando sempre em coerência com os valores dominantes na cultura de cada momento histórico.

(G. Brun,1999)”

III - As Famílias Brasileiras

Desde o início deste texto tratamos as famílias no plural, e ao falarmos do Brasil, este cuidado deve ser redobrado, tendo em vista nossa multiplicidade étnica e cultural. O primeiro Brasileiro(a) foi o filho(a) de uma índia com um dos imigrantes/invasores que chegaram ao novo mundo, inaugurando nossa história de misturas e alquimias raciais e culturais. Como os índios, e depois os negros, não eram considerados como humanos, sequer tinham alma, conforme o pensamento cristão da época do descobrimento, o foco permaneceu durante muito tempo na família brasileira formada a partir do modelo ibérico, que era uma família extensa.

“Estudos históricos mais recentes tem desenvolvido argumentos que apontam para algumas diferenciações que merecem destaque. No Nordeste, a mulher da família patriarcal (chamada sinhazinha) apresenta o perfil delineado .. quanto à docilidade e passividade, com atividades mais voltadas para o interior da casa-grande. Já no Sul, ...são encontradas as bandeirantes...As mulheres foram convocadas a administrar as fazendas e a controlar a escravaria na ausência do homem, o bandeirante desbravador, freqüentemente ausente. Sem dúvida, este perfil aponta para um modelo muito mais ativo que passivo da mulher, sem perda, contudo, do seu caráter subordinado e submisso. (G. Neder, pg29, 1994).

As influencias da família africana e da família escrava na formação das famílias brasileiras só recentemente tem sido objeto de estudos mais acurados. Pouca atenção era dada a diversidade cultural e étnica dos africanos provenientes de diferentes regiões. Por exemplo, é pouco conhecida a influencia de grupos negros *malês*, de cultura islâmica, que eram letrados, liam o Alcorão e que tiveram um papel central na formação da cultura baiana.

Outro aspecto importante foi a separação das famílias:

“Nos Estados Unidos da América do Norte, foi estimulada a constituição de famílias nucleares, com a catequese puritana e moralista atuando fortemente neste processo. No Brasil, ao contrário, havia desprezo e descaso, sobretudo em relação às crianças, havia uma clara preferência pelo investimento no escravo adulto e era frequente o abandono das crianças. Citando Kátia Matoso: Isolado do pai natural, desconhecido, afastada do pai de eleição,...a criança escrava encontra numa família ampliada, a numerosa família de negros no trabalho, os pontos de referência necessários ao seu equilíbrio emocional rompido. Nessa comunidade, forjam-se alianças, novos compadrios, vínculos religiosos.” (G. Neder, p. 41)

É importante refletirmos a respeito das organizações familiares que encontramos hoje, e que com muita freqüência avaliamos como irregulares, desestruturadas, e outros adjetivos deficitários. Estes arranjos mostram, antes de mais nada, uma alternativa diante das circunstancias de vida, e não necessariamente um indicador de problemas.

São muitas as influencias na formação das famílias brasileiras, especialmente quando começa a imigração européia e asiática mais no final do século XIX e começo do século XX. O importante é estarmos atento às diferenças, às diversidades, às mudanças e permanências destes vários modelos em nossas vidas, compondo nossa identidade pessoal, familiar e social.

IV - As várias famílias brasileiras hoje

Mais do que nunca, neste começo do século XXI, nos deparamos com a ausência de um modelo único. Pluralidade, multiplicidade, novas organizações são palavras sempre presentes.

A industrialização, a urbanização, a migração para as cidades, o acesso da mulher ao estudo e ao mercado de trabalho, o controle de natalidade, as mudanças morais, as novas tecnologias de reprodução, a lei do divórcio, o novo código civil, que equipara homens e mulheres do ponto de vista jurídico, são ingredientes que ajudaram e ajudam a criar um panorama em constante mudança.

Convivemos hoje, com mais naturalidade, mas também com alguma estranheza, com uma série de novas organizações familiares: mulheres que criam seus filhos sem nunca terem se casado, famílias uniparentais surgidas após uma separação, famílias compostas à partir de novos casamentos de cônjuges com filhos de casamentos anteriores, filhos de diferentes pais, casamento de pessoas do mesmo sexo, etc...

O que fazer diante de tantas novidades?

Se pensarmos que a princípio, nada nos autoriza a classificar um modelo de família, como sendo, a priori, menos indicado do que outros, nosso lugar como profissionais passa a ser de:

“Ajudar as pessoas a encontrar e negociar melhor seus lugares..Muita gente pensa, entre suspiros nostálgicos, que a família está acabando. Mas a verdade é outra. O que mudou foi seu perfil e o traçado de suas relações. Neste final de milênio a família se apresenta numa combinação multiforme. É uma família que retrata a diversidade de paradigmas e nos expões à complexidade da ausência de uma verdade única que nos oriente. É uma família que cada um de nós cria, vive, constrói, desfruta, e, às vezes, padece.(G. Brun, 1999).

V - Ampliando a conversação....

Onde começa e onde termina a família de cada um de nós? Quem faz parte de nossa família?

Ao mesmo em tempo que precisamos fazer uma viagem no tempo para responder a primeira pergunta, a segunda nos convida a um movimento de expansão, como se usássemos uma lente zoom, abrindo o foco. A organização social que denominamos família tem contornos e limites imprecisos e variáveis conforme o tempo histórico, e o contexto, cultural, social e econômico em que se vive. É um recorte dentro da imensa teia de relações de que fazemos parte e ajudamos a construir.

“...Tratamos a família nuclear, e em certas ocasiões a família extensa, por que somos especialistas em vê-la, e não porque existe assim, como uma forma claramente delineada... No presente – e em qualquer outra época – vivemos imersos em redes múltiplas, complexas, e em evolução, dentre as quais “extraímos” a família, quando perguntamos, por exemplo: “Quem faz parte de sua família?” . (Sluszki, C.,1997).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARIÉS, Philippe. “História social da Criança e da Família”, LTC, Rio de Janeiro, 1981.

BRUN, Gladys. “Pais e Filhos & Cia. Ilimitada”, Rio de Janeiro: Record, 1999.

CASEY, James. “A História da Família”, Ática, Editora, São Paulo 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Tradução do capítulo: “O problema do incesto”, In: Canevacci, M. (org). Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. São Paulo, Brasiliense, 1981

MATURANA, Humberto. “Da Biologia à psicologia”, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

NEDER, Gizlene. Ajustando o Foco das lentes, um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil, In “FAMÍLIA BRASILEIRA, A base de tudo”. Kaloustian, S (org) Cortez, São Paulo, 1994

SLUZKI, Carlos. “A Rede Social na Prática Sistêmica”, Ed. Casa do Psicólogo: São Paulo, 1997.